

## O PODER LEGITIMADO ATRAVÉS DO ESPAÇO:

### O Caso da Igreja Saint-Germain-de-Prés e a Realeza Merovíngia

**TOMÁS DE ALMEIDA PESSOA\***

#### **RESUMO**

O presente trabalho pretende compreender como a construção de igrejas legitimava o poder da dinastia Merovíngia a partir da perspectiva da topografia do poder. Seguindo Jacques Le Goff, o conceito de rei medieval era composto por duas tradições: a tradição cristã do rei segundo a vontade de Deus e a tradição germânica do rei como primeiro entre seus pares. Nesse artigo nos concentraremos na legitimação do poder do rei merovíngio a partir da tradição cristã pelo estudo de caso da Igreja Saint-Germain-des-Prés.

**Palavras-chave:** Poder; Igreja; Dinastia Merovíngia.

#### **ABSTRACT**

The present paper intends to demonstrate how the construction of churches legitimated the power of the Merovingian dynasty in the topography of power perspective. Following Jacques Le Goff, the concept of medieval king was composed from two traditions: the king according to God's will in the Christian tradition and the king as the first of his peers in the Germanic tradition. In this article we will focus our attention in the Christian tradition through the case study of the Saint-Germain-des-Prés Church.

**Keywords:** Power; Church; Merovingian Dynasty.

\* Aluno de graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF).  
Email: tomasap@superig.com.br

---

---

## Introdução

No verbete “Rei” do Dicionário Temático do Ocidente Medieval, J. Le Goff argumenta que o rei medieval era composto por duas tradições: a tradição cristã do rei segundo a vontade de Deus e a tradição germânica do rei como primeiro entre seus pares<sup>1</sup>. Iremos explicar por meio deste artigo como a conceitualização de Le Goff pode ser utilizada para analisar a realeza merovíngia, mesmo que o próprio autor não pensasse dessa maneira e definisse seu começo na época carolíngia. Dessa maneira, demonstraremos como a construção de igrejas pelos reis merovíngios faziam com que seu poder fosse legitimado pela tradição cristã a partir do estudo de caso da Igreja Saint-Germain-des-Prés. Para que isso seja feito utilizaremos a perspectiva da topografia do poder defendida por autores como M. De Jong e C. Wickham<sup>2</sup>.

Uma das principais transformações do mundo ocidental, após a desagregação do Império Romano, foi uma reorientação do Mediterrâneo por sociedades que recorriam a uma pluralidade de “espaços de poder”: palácios, fortificações, igrejas e outros edifícios onde a realeza, a aristocracia e mesmo, raramente, outros segmentos da população demonstravam seu poder. Dessa maneira, basicamente o que esse método teórico pretende responder é: como pessoas construíam os “espaços de poder” e como os mesmos, por sua vez, construíam pessoas poderosas<sup>3</sup>. Esta perspectiva, portanto, tem como principal interesse a conexão da topografia física com a contraparte mental do poder.

É necessária uma precisão de quem demonstrava poder a quem. No contexto deste estudo pode-se dizer que a audiência do rei na questão da construção da igreja seria a aristocracia e o povo. Constatando o fato de que a igreja Saint-Germain-des-Prés estava logo fora das muralhas próxima à estrada que seguia para a Aquitânia, podemos afirmar que sua audiência seriam aqueles que estavam chegando à cidade a partir de sua porta direita. Os aristocratas possuíam muitos territórios na região da Île-de-France (região atual em volta da cidade de Paris) como podemos constatar pelos documentos guardados pela Igreja Saint-Denis e quando se dirigissem para a cidade de Paris iriam se deparar com a Igreja Saint-Germain-des-Prés<sup>4</sup>. Além disso, por ocasião do funeral dos reis merovíngios, as pessoas da cidade acompanhavam a procissão fúnebre até a Igreja na área suburbana e dessa maneira também se deparavam com a mesma.

Seguindo a tradição narrativa, a Igreja Saint-Germain-des-Prés, atualmente a mais antiga da cidade de Paris, foi fundada no século VI após a segunda expedição do rei merovíngio Childeberto I (511-558) à Espanha em 541. Na cidade de Saragoça o rei recebeu do bispo local a túnica de São Vicente e após sua volta a Paris, ele a doou para a nova igreja que construiu e onde foi enterrado em 558<sup>5</sup>. Devido a essa relíquia, a igreja foi chamada de Igreja de São Vicente.

Na construção também possuiu um papel importante o bispo de Paris da época, São Germano (c.496-576) (Germain em francês). Quando ele morreu, foi enterrado em uma capela anexa a essa igreja, entretanto no século VIII seu corpo foi transferido para o edifício principal.

---

1 LE GOFF, J. “Rei” In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J.C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p.396-397.

2 WICKHAM, C. “Topographies of power: Introduction” In: JONG, M.; THEUWSM, F.; THIJN, C (Eds.) *Topographies of Power in the Early Middle Ages*. Leiden: Brill, 2001, p. 1.

3 DE JONG, M. “Topographies of Power: Some Conclusions” In: JONG; THEUWSM & THIJN, *op.cit.*, p.533.

4 *Idem*. *Framing the Early Middle Ages: Europe and Mediterranean, 400-800*. New York: Oxford University Press, 2005, p.193.

5 Existem elementos (como a expedição, a presença da túnica e a menção a Igreja São Vicente em que Childeberto I teria sido enterrado) dessa tradição na obra *Decem Libri Historiae* de Gregório de Tours na segunda metade do século VI, porém ela só é observada com todos estes detalhes no documento *Liber Historiae Francorum* datado do século VIII e depois na *Vida de Droctoveu* que será abordada mais abaixo.

Ao longo dos séculos, a titulação dessa Igreja foi progressivamente modificada e já no século XII será conhecida somente como Igreja Saint-Germain-des-Prés em homenagem a esse bispo. O vocábulo “des-prés”, ou seja, dos prados, presente na denominação da igreja é provavelmente uma referência ao jardim de Ultrogoda, esposa de Childeberto I, que seria contíguo à Igreja<sup>6</sup>. Após Childeberto I, três ou quatro reis, quatro rainhas e quatro ou cinco príncipes merovíngios foram enterrados na Igreja Saint-Germain-des-Prés, um número de membros da família real merovíngia maior do que em qualquer outra igreja. Isso demonstra sua importância na Gália do século VI.

### O poder legitimado através do espaço

Diferentemente da concepção espacial do cristianismo primitivo em que o Deus cristão estava presente em toda a parte ao mesmo tempo, não permitindo a nenhum lugar qualquer participação privilegiada de santidade, o edifício da igreja desde o século V era visto como “casa de Deus”. Esse foi o resultado de um processo em que a eucaristia foi cada vez mais destacada pelo fato de que nesse momento Deus estaria presente. Sendo assim, a própria arquitetura e decoração das igrejas serão pensadas de forma a ressaltar a presença divina.

No caso da Igreja Saint-Germain-des-Prés, podemos observar primeiramente como a presença divina era ressaltada a partir do poeta Venâncio Fortunato. Na segunda metade do século VI, ele visitou a cidade de Paris e escreveu o poema intitulado *De Ecclesia Parisiaca*:

[...] Aquela (igreja) de Paris, onde a soberba abóboda porta-se sobre colunas de mármore, é tão bela que sua pureza jamais foi contaminada. Ela recebe pelas copas de suas janelas os primeiros raios do dia, e a mão do artista aprisionou a luz (dentro da igreja). Do levantar da aurora a luz difusa inunda o lambril. Ela brilha com seu próprio fogo, antes de ser visitada pelo Sol. Foi o piedoso rei Childeberto que deu a seu povo essa garantia imortal de seu amor [...].<sup>7</sup>

A partir deste poema é possível observar como a luz é ressaltada de maneira especial. Isso é importante porque desde muito cedo na tradição cristã Deus foi identificado com a luz. O Evangelho de João normalmente datado entre o fim do primeiro século e começo do segundo século d.C, já possui referências a essa concepção como: “Falou-lhe, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida”<sup>8</sup>. Na primeira carta de João, datada normalmente no segundo século d.C, encontramos que: “Esta é a mensagem que dele ouvimos e transmitimos a vocês: Deus é luz; nele não há treva alguma”<sup>9</sup>.

O tema da luz continuou presente na doutrina cristã como pode ser visto a partir de Ambrósio de Milão, Prudêncio, Paulino de Nola, dentre outros. No final do século V na região da Gália podemos ver um exemplo disso em uma carta enviada pelo bispo Ávito de Vienne (c.470-523) ao rei Clóvis, logo após o batismo do segundo, normalmente datado em 496:

No momento em que tínhamos nos voltado para a eternidade e que esperávamos do julgamento futuro que seja dito o que há de direito naquilo que cada um sente, eis que brilhou entre os homens de hoje um raio de verdade

---

<sup>6</sup> Este jardim é descrito por Venâncio Fortunato, poeta do século VI, em um poema de sua obra *Carmina*. Esse pode ser encontrado em NIZARD, C. *Venance Fortunat: Poésies mêlées*. Paris, Bibliothèque nationale de France, 1887, p. 165-166.

<sup>7</sup> Tradução nossa da versão francesa presente em: NIZARD, *op.cit.*, p. 69-70.

<sup>8</sup> João 8:12.

<sup>9</sup> 1 João 1.

Ainda na mesma carta é possível ver que:

A Grécia igualmente pode se alegrar de ter escolhido um príncipe que seja dos nossos; mas doravante ela não é mais a única a merecer o dom de um favor. Sua claridade ilumina também teu império e no Ocidente o brilho de uma glória que não é nova figura-se sobre um rei que não é novo<sup>11</sup>.

A ação da divina Providência para a escolha de um novo rei cristão é assemelhada à luz. O rei é uma nova luz no Ocidente, assim como o Imperador cristão do Oriente (“a Grécia”) também o é. Dessa maneira, quando Fortunato ressalta a luz dentro da igreja, ele representa-a como um lugar privilegiado com relação a Deus. A luz presente dentro da igreja é tão resplandecente e linda que só podia ser divina. Para que a luz (tanto de fora como de dentro e depois as duas combinadas) pudesse ter esta feição era necessária uma série de elementos arquiteturais. A abóbada, colunas de mármore e as janelas são citadas nesse poema. Além disso, pensando em outras referências do mesmo poeta ou de outros autores como Gregório de Tours também é possível inferir como a decoração também ressaltaria essa luminosidade. Portanto, a construção da igreja e o posterior enterramento do corpo do rei na mesma, fariam com que esse rei fosse considerado próximo a Deus, já que a igreja seria um lugar especialmente próximo a Ele. Essa proximidade podia ser vista no jogo de luzes dentro da mesma.

Como vimos anteriormente, a igreja que depois seria conhecida como Igreja Saint-Germain-des-Prés possui na tradição a figura do rei Childeberto I como fundador e o mesmo é mencionado no poema de Venâncio Fortunato. Porém assim mesmo, será que é possível fazer uma relação precisa entre o monarca e o edifício?

Para responder a essa pergunta podemos nos voltar para uma fonte muito citada nos debates sobre essa igreja: a Vida de São Droctoveu. Este santo foi o discípulo de São Germano e em sua Vida seu autor registra várias informações importantes sobre a igreja, inclusive a atribuição do poema *De Ecclesia Parisiaca* de Fortunato à Igreja Saint-Germain-des-Prés. A partir da leitura da Vida pode ser visto que seu autor foi Gislemar, um membro da Igreja Saint-Germain-des-Prés. Entretanto, os autores debateram por um longo tempo para identificá-lo mais detalhadamente e com isso descobrir se suas informações sobre a Igreja são confiáveis.

Já no século XVIII, o abade Jean Lebeuf defendia que Gislemar seria um chanceler (alguém que trabalha com os documentos escritos dentro do monastério) da Igreja Saint-Germain-des-Prés do século XI<sup>12</sup>. O nome Gislemar pode ser visto em um diploma da Igreja datado de 1070<sup>13</sup>.

Em um dos artigos mais influentes do século XX sobre a Igreja Saint-Germain-des-Prés, Jules Quicherat discorda dessa visão. Para ele, a Vida de São Droctoveu (que menciona esse como sendo o primeiro abade da Igreja Saint-Germain-des-Prés) não poderia ter sido escrita no século XI já que:

Um diploma da época de Childeberto III, de maneira equivocada atribuída ao de Childeberto I, coloca um abade Autharius, na lista de abades, como primeiro abade ao invés de Droctoveu, e esse erro histórico, consagrado pelo continuador e interpolador da crônica Aimoin, que

---

10 SILVA, M. C. da. *A Realeza Cristã na Alta Idade Média: Os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio (séculos V-VIII)*. São Paulo: Alameda, 2008, p.193.

11 Tradução nossa da versão francesa presente em: ROUCHE, M. *Clovis*. Paris: Fayard, 1996, p.398.

12 DÉRENS, J. “Gislemar, Historien de Saint-Germain-des-Prés”, *Journal des Savants*, Volume 3, Numero 1, 1972, p.228.

13 POUPARDIN, R. *Recueil des chartes de l'abbaye de Saint-Germain-des-Prés des origines au début du XIIIe siècle*. 2 vols. Paris: Champion, 1909, p.110.

escreveu em cerca de 1015, se perpetua durante toda a Idade Média<sup>14</sup>.

Aimoin foi um monge de Fleury que nasceu em c.980 e morreu em c. 1008. Sua obra chamada *Historia Francorum* ou *Libre IV de gestis Francorum* trata do povo franco das origens até o ano de 654. O continuador de sua obra mencionado acima por Quicherat parte do ano de 654 até o ano de 1015. Quicherat baseia-se nessa última data para datar o ano em que o continuador escreveu, ou seja, 1015. Gislemar menciona Droctoveu como primeiro abade e não Autharius, portanto, ele teria que ser anterior a 1015 na concepção de Quicherat. Existe a menção a outro monge com o nome de Gislemar nos *Annales ordinis Sancti Benedictii*, uma lista de religiosos de Saint-Germain-des-Près escrita por Jean Mabillon (1632-1707) no século XVII. O Gislemar dessa obra aparece como um monge do século IX e este será o século em que autor da Vida Droctoveu teria vivido segundo Quicherat.

A identificação do século IX como a época de Gislemar por Quicherat baseia-se, por conseguinte, somente na data atribuída à interpolação da continuação da crônica de Aimoin. Apoiando-se em novos estudos como os de Siméon Luce e M. Jean-François Lemarignier, Jean Dérens defende que essa interpolação seria somente do final do século XI. Para ele isso significa que a datação do abade Lebeuf deve ser reestabelecida. Por isso, Gislemar pode ser identificado como o chanceler mencionado no ato de 1070 e não o do século IX. O último aparece como um monge hierarquicamente de posição muito baixa e por isso seria improvável que ele tivesse escrito a vida do primeiro abade Droctoveu<sup>15</sup>. A datação de Dérens tem sido amplamente utilizada pelos historiadores que debatem esse assunto e, dessa maneira, também será seguida nesse estudo<sup>16</sup>.

Voltando-nos novamente para o poema de Venâncio Fortunato, podemos afirmar que existe um grande debate desde o século XIX sobre qual seria a igreja descrita por ele. Gislemar, autor do século XI, como foi dito acima, atribui o poema à Igreja Saint-Germain-des-Près. Entretanto, existe um problema com essa atribuição já que, ao constatar a utilização do termo *Ecclesia* no título do poema, é possível perceber que o mesmo utilizava-o somente para as chamadas catedrais, ou seja, a primeira igreja construída em cada cidade da Gália. Isso faria com que a igreja descrita por Fortunato fosse a Igreja Saint-Etienne (hoje em dia embaixo e à frente da igreja de Notre Dame de Paris na Île de la Cité), construída no século IV<sup>17</sup>.

A partir da afirmação de Gislemar autores como Dom Bouillart e Baronius passaram a atribuir o título de Fortunato a um erro do copista medieval posterior e, assim, defenderam a hipótese de que a igreja descrita seria a Igreja Saint-Germain-des-Près<sup>18</sup>. Mais recentemente Vieillard-Troiekouff também defendeu essa hipótese ao ressaltar que logo antes do poema *De Ecclesia Parisiaca* há o poema *Ad clerum Parislacum* em que é mencionado São Germano e por isso a atribuição seria à igreja construída por ele<sup>19</sup>.

Autores como o abade Lebeuf, já citado anteriormente, e Jean Dérens e Michel Fleury, mais recentemente, atribuem o poema à Igreja Saint-Etienne. Eles argumentam que a atribuição de Gislemar pode ser compreendida devido à sua incompreensão do termo *Ecclesia*.

<sup>14</sup> Tradução nossa da versão francesa presente em: QUICHERAT, J. Critique des deux plus anciennes chartes de l'abbaye de Saint-Germain des Prés", *Bibliothèque de l'École des chartes*, 26e année, 1865, pag. 531. 15 DÉRENS, *op.cit.*, p 231.

<sup>16</sup> Dentre os autores que seguem esta datação estão: BUSSON, D. *Carte Archeologique de la Gaule* 75. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1999, p.350; ERLANDE-BRANDENBURG, A ; MÉREL-BRANDENBURG, A.B. *Saint-Germain-des-Près: An Mil*. Paris, Picard, 2011, p.13; TROIEKOUROFF, M. V. *Les Monuments Religieux d'après les oeuvres de Gregoire de Tours*. Paris: éditions Champion, 1976, p. 213. <sup>17</sup> Saint-Etienne é o nome francês para São Estevão, mártir do século I que aparece no Novo Testamento. <sup>18</sup> DERENS, J. ; FLEURY, M. "La construction de la cathédrale de Paris par Childeberrt I er, d'après le *De ecclesia Parisiaca* de Fortunat", *Journal des savants*, Volume 4, Numéro 1, 1977, p.252.

<sup>19</sup> TROIEKOUROFF, *op.cit.*, p. 205.

---

---

Na época do autor, ou seja, no século XI, o termo já teria perdido o significado preciso de Catedral e designaria qualquer edifício religioso. Sendo um monge da Igreja Saint-Germain-des-Prés, ele sabia que o fundador dessa tinha sido Childeberto I, portanto, com a menção desse rei no poema de Fortunato ele teria logo feito uma associação equivocada. Além disso, eles argumentam que a ausência a qualquer menção a São Vicente ou outro santo no poema também corroboraria para a atribuição ligada a catedral, já que São Estevão só é atribuído a ela no século VII e anteriormente a esse século não existiriam santos ligados à esse edifício<sup>20</sup>.

A partir dos argumentos elencados pelos diversos autores parece-me mais razoável a atribuição do poema de Fortunato à Igreja Saint-Etienne. O termo *Ecclesia* e a falta de menção a qualquer santo por parte de Fortunato faz com que seja improvável que a atribuição de Gislemar esteja correta, já que Fortunato não deixaria de mencionar o grande patrono da Igreja no momento, São Vicente. Porém se, seguindo a visão de Michel Fleury, a catedral foi reformada por Childeberto I no século VI, a menção de que sua luz interior podia refletir o poder de Deus pode associá-la ao processo de reconstrução e como consequência associar o poder de Deus a Childeberto I<sup>21</sup>. Assim, o processo de cristianização do espaço associado à legitimação da dinastia merovíngia pode ser visto não somente associado à Igreja Saint-Germain-des-Prés, mas também a outros edifícios religiosos como a Catedral e por isso Fortunato teria feito o poema em relação a ela citando o nome de Childeberto I.

Existe outra descrição da Igreja Saint-Germain-des-Prés na Vida de São Droctoveu de Gislemar. O autor descreve a Igreja dessa maneira:

Portanto com graça, a igreja da vivificante cruz do santo mártir, onde este a delegou com outros preciosísimos ornamentos, mandou construir em forma de cruz. Parece supérfluo descrever o arranjo inteligente das janelas, os preciosos mármoreos que a suportam, os painéis dourados da abóboda, o esplendor das paredes que estão cobertas com uma cintilante cor dourada [...]. O teto do edifício é coberto com bronze reluzente e reflete os raios do Sol, brilhando tão intensamente que os observadores ficam cegos (deslumbrados) e chamam a Igreja Saint-Germain-des-Prés, o Dourado<sup>22</sup>.

Sendo o autor do século XI, como foi referido acima, Vieillard-Troiekouroff argumentou que essa descrição seria simplesmente a Igreja do século XI, ou seja, a Igreja reformada pelo abade Morardo após as destruições causadas pelas incursões normandas<sup>23</sup>. Porém, seguindo Dérens e Fleury, isso não seria possível pelo fato da descrição estar no tempo imperfeito, ou seja, Gislemar descreve um estado da Igreja que não mais existe. Assim sendo, ele teria incorporado a descrição de Fortunato e a colocado com suas palavras<sup>24</sup>.

Resta-nos, para analisar a hipótese sobre a arquitetura, os achados arqueológicos. Duas principais escavações podem ser citadas, a primeira em 1876 realizada por Theodore Vacquer, membro da *Commission de la Vieux Paris*, instituição pública que estudava a arqueologia da cidade e a segunda realizada por Jean Dérens em 1971.

Referindo-se primeiramente aos achados relacionados ao interior da Igreja pode se dizer que foram encontradas duas partes de fustes (parte do meio de uma coluna) de mármore, uma parte de fuste em mármore turquesa, um capitel (parte

---

20 DERENS & FLEURY, *op.cit.* p.251.

21 *Ibidem*, p. 247.

22 Tradução nossa da versão inglesa presente em: JAMES, E. *The Franks. The peoples of Europe*. Oxford: Blackwell, 1988, p.151.

23 TROIEKOUROFF, M. V. *Les anciennes églises suburbaines de Paris*. Paris, Fédération des Sociétés Historique et Archéologiques de Paris et de l'île de France, 1960, Volume XI de Mémoires, 1960, p.94.

24 DERENS & FLEURY, *op.cit.* , p. 253.

superior de uma coluna) mutilado em mármore branco, partes do telhado em mármore acinzentado. A maioria desses achados está conservada no museu Carnavalet, em Paris<sup>25</sup>.

Infelizmente a própria localização da Igreja e as sucessivas reconstruções da mesma ao longo do tempo fazem com que não existam muitos achados significativos com relação a este trabalho. Por essa razão é necessário podemos nos voltar para outras igrejas contemporâneas de Paris para que possamos tentar obter mais informações. Nesse sentido duas igrejas podem ser analisadas: a Igreja dos Santos Apóstolos (depois conhecida como Santa Geneveva) fundada por Clóvis no começo do século VI e a Catedral de Paris (que será depois conhecida como Igreja Saint-Etienne), que apesar de ser datada pelos historiadores como sendo do século IV, possui um renovação realizada por Childeberto I no século VI e por isso poderia se assemelhar à Igreja Saint-Germain-des-Prés. Por essa razão, podemos utilizar o poema de Fortunato e a descrição de Gislemar para obter informações sobre a Igreja Saint-Germain-des-Prés mesmo que não acreditemos que eles se referissem a ela.

Da Igreja dos Santos Apóstolos os achados arqueológicos são similares aos da Igreja Saint-Germain-des-Prés. São eles dois fragmentos de partes de colunas de mármore, um rosado e o outro cinza e preto conservados no museu Carnavalet e um capitel datado do século VI (e talhado no século XII) com a decoração do tema de Daniel e a cova de leões, conservado no Museu do Louvre. Partindo para as fontes textuais é possível descobrir segundo a Vida de Santa Geneveva que a igreja era provida de um triplo pórtico onde existem pinturas com patriarcas, profetas, mártires e confesores.

Em relação à chamada Catedral, existem muitos debates entre os estudiosos em relação à datação dos achados arqueológicos encontrados. Três capitéis encontrados respectivamente em 1847, 1874 e 1966 já foram datados por autores como A. Lenoir e D. Fossard como sendo da Alta Idade Média. Seguimos autores mais atuais como D. Bussón que afirmam que esses devem ser datados da época do Baixo Império Romano, o século IV, quando a igreja teria sido construída<sup>26</sup>. Entretanto, um friso decorado em terracota encontrado nas escavações pode ser datado claramente a Alta Idade Média, já que esse era muito característico da arquitetura da mesma<sup>27</sup>. Por último, é importante ressaltar os seis fragmentos de mosaico encontrados por T. Vacquer. A partir da reconstituição de um deles é possível ver elementos de decoração geométrica, por exemplo, círculos concêntricos formando quatro folhas negras ao redor de um pequeno quadrado central branco. T. Vacquer havia visto neles uma decoração com motivos cristãos, entretanto parece que esse mosaico pertencia a uma grande casa galo-romana do Baixo Império Romano, anterior à Catedral<sup>28</sup>.

Com relação às fontes textuais da Catedral (seguindo o argumento de Dérens e Fleury explicitadas anteriormente), as descrições de Fortunato e Gislemar influenciaram autores como Edward James, Erlande-Brandenburg e Mérel-Brandenburg a equiparar a decoração das igrejas merovíngias às igrejas da Ravena bizantina do século VI<sup>29</sup>. Na Antiguidade os mosaicos eram reservados somente no chão. Os bizantinos foram os primeiros a usar os mosaicos na parede. A técnica bizantina envolvia o encaixamento de uma série de pequenas peças de pedra colorida e vidro (chamadas de tesselas). Quando juntas, essas peças criam um efeito de pintura, porém possuem a vantagem de que o vidro e a pedra colorida refletem a luz de uma maneira que a pintura não pode. Além disso, normalmente era colocada

25 BUSSON, D. *Carte Archeologique de la Gaule* 75. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1999, p. 356.

26 *Ibidem*, p. 469.

27 TROIEKOUROFF, M. V. *Les Monuments Religieux d'après les oeuvres de Gregoire de Tours*. Paris: éditions Champion, 1976., p.470.

28 BUSSON, *op.cit.*, p. 471.

29 JAMES, E. *The Franks. The peoples of Europe*. Oxford: Blackwell, 1988, p. 151.

---

---

uma cobertura de ouro na parede atrás das tesselas, o que fazia com que os mosaicos emitissem uma misteriosa luz própria<sup>30</sup>. Os exemplos mais famosos desta técnica são os mosaicos de Justiniano e de sua esposa Teodora na Igreja de São Vital, construída em 547.

Algumas passagens das descrições de Fortunato e Gislemar podem fazer com que essa ideia seja considerada. Quando Fortunato escreve que: “a mão do artista aprisionou a luz (dentro da igreja). Do levantar da aurora a luz difusa inunda o lambril. Ela brilha com seu próprio fogo, antes de ser visitada pelo Sol.” e Gislemar descreve as “paredes que estão cobertas com uma cintilante cor dourada” a técnica de mosaicos bizantinos pode ser lembrada pela cobertura dourada por trás dos mosaicos que fariam com que este possuísse uma luz própria.

Resumindo a questão da decoração da Igreja Saint-Germain-des-Prés pode se dizer que os mármorees de várias cores somados à luz vinda das janelas ressaltariam o aspecto da luz dentro da igreja. A questão que se coloca é: a Igreja possuiria pinturas como as descritas na Igreja Santa Genoveva ou os mosaicos bizantinos em tesselas assim como as igrejas bizantinas? Proponentes da segunda visão como Erlande-Brandenburg e Mérel-Brandenbrug afirmam que o poeta Venâncio Fortunato teria um papel importante na decoração da Igreja Saint-Germain-des-Prés. Esse havia feito seus estudos em Ravena, em 566 estava em Paris quando fez seu panegírico em homenagem ao rei Cariberto e por isso teria de alguma maneira auxiliado com a técnica bizantina presente nas igrejas de Ravena<sup>31</sup>. Apesar de ser uma hipótese interessante, não existem provas nas fontes que confirmem essa atuação.

O que podemos afirmar, se seguirmos a segunda opção, é que o jogo de luzes dentro da igreja certamente seria ainda mais deslumbrante, já que os mármorees, os mosaicos em tesselas, e a luz de fora (ou a utilização de velas de noite) fariam com que aquele ambiente não parecesse desse mundo e certamente um lugar apropriado para receber a presença de Deus.

Esse espaço deslumbrante com certeza poderia refletir o caráter da realeza merovíngia próxima a Deus. Pelos achados arqueológicos é possível ver que não somente os reis, mas também a aristocracia merovíngia fez com que seus corpos fossem enterrados em igrejas. Em muitos casos, parece que essas eram igrejas fundadas pelos próprios aristocratas e por isso eles teriam um grande poder de intervenção sobre ela. Esse seria o “sistema de propriedade da igreja” ou o chamado *Adelskirche* na historiografia alemã<sup>32</sup>. Ainda assim ao se comparar as igrejas, por exemplo, de Arlon e de Hordain, com a imagem concebida ao seguir a segunda opção, podemos ver como os reis poderiam se diferenciar dos aristocratas a partir do poder transmitido pela sua arquitetura. A modesta aparência de Arlon fez com que por muito tempo ela fosse considerada uma casa e Hordain era somente uma pequena igreja. Mesmo que os aristocratas posteriormente possam ter sido enterrados na Igreja Saint-Germain-des-Prés, a memória de nenhum deles é referenciado em qualquer fonte. A memória da igreja mais rica visualmente continuou associada à dinastia merovíngia. Todas essas afirmações inferidas a partir da suposta utilização da técnica de tesselas permanecem uma possibilidade, porém elas não podem ser afirmadas com certeza pela falta de informações que possuímos a partir das fontes.

Quando consideramos que quando São Germano morreu, ele foi enterrado numa estrutura anexada à Igreja Saint-Germain-des-Prés chamada capela Saint-Symphorien, podemos perceber que a relíquia de São Vicente já possuía o papel de outros corpos de santos nos quais outros reis merovíngios se fizeram enterrar proximamente. Estes são os casos, por

---

30 HURST, E. A. *Mosaic Decoration in Byzantine Ravenna*. Saylor Academy, 2011, p. 2.

31 ERLANDE-BRANDENBURG, A ; MÉREL-BRANDENBURG, A.B. *Saint-Germain-des-Prés : An Mil*. Paris: Picard, 2011, p. 14.

32 JAMES, *op.cit.*, p. 151 ; BLOCKMANS, W.; HOPPENBROWERS, P. *Introdução à Europa medieval: 300-1550*. Rio de Janeiro, Forense, 2012, p. 72.

exemplo, de Clóvis e Santa Genoveva e Clotário I e São Medardo. Para não ferir a dignidade do bispo e ressaltar sua importância para a fundação da igreja, foi construída a capela e somente muito depois, na época carolíngia, seu corpo foi transferido para dentro da igreja.

Por fim, é possível inferir mais uma informação sobre a Igreja Saint-Germain-des-Prés do século VI a partir de Gislemar. Como podemos ver a partir da citação anterior, o autor se refere ao formato de cruz da igreja na Vida de São Droctoveu e dessa maneira a Igreja teria quatro altares. Não só as relíquias de São Vicente estavam presentes, mas também as de uma série de outros santos que aumentavam ainda mais a importância da igreja. O altar do leste seria o mais importante e possuiria as relíquias de São Vicente e uma Cruz de ouro obtida na cidade de Toledo na mesma expedição, o do oeste possuiria as relíquias de São Gervásio, São Protásio, (santos dos quais não possuímos informações; somente sabemos que seus corpos foram encontrados por São Ambrósio no século IV) São Celso (corpo também encontrado por S. Ambrósio junto a São Nazário) e São Georges (mártir do século IV), o do norte possuiria as relíquias de São Ferreol e São Ferrution (discípulos de São Policarpo no século II) e finalmente o do sul possuía as relíquias de São Juliano de Brioude (mártir do começo do século IV).

Apesar de argumentos contrários a essa consideração, como o de Vieillard-Troïekouroff de que ele somente estaria descrevendo a igreja de sua época, podemos seguir a opinião de Dérens de que Gislemar possuía em mãos o diploma original da igreja e nele estaria referenciado o formato de cruz da igreja do século VI<sup>33</sup>. Além disso, a descoberta de Vacquer no século XIX de uma estrutura de pedra identificada como extremidade do altar sul, também conhecido como o local em que estavam as relíquias de São Juliano, faz com que o formato de cruz seja razoável<sup>34</sup>. A partir da difusão das estruturas em formato de cruz a cristianização do espaço é possível ao evidenciar um dos símbolos mais importantes do cristianismo.

Ao concluir podemos constatar que a Igreja Saint-Germain-des-Prés está vinculada ao contexto de transformações na concepção espacial cristã e possui adaptações na sua arquitetura para demonstrar a “casa de Deus”. No caso deste capítulo a luz foi ressaltada a partir de uma série de elementos como mármore colorido, mosaicos, bronze, ouro e a luz do Sol ou velas que mostrariam aos que estavam dentro da igreja que ela seria um lugar especial, não pertencente a esse mundo. Este ambiente seria ainda mais ressaltado pela presença das relíquias de uma série de santos que foram reunidas nos quatro altares da igreja. Ao construir igrejas, os reis construíam também “espaços de poder” (como definimos acima pela teoria da topografia do poder) e depois, ao terem seus corpos enterrados neles, afirmavam sua proximidade com Deus e com isso garantiam e legitimavam o seu poder pela tradição cristã.

---

33 DÉRENS, J. “Les origines de Saint-Germain des Prés : nouvelle étude sur les deux plus anciennes chartes de l’abbaye”, *Journal des savants*, Volume 1, Numéro 1, 1973, p. 52; TROIEKOUROFF, M. V. *Les anciennes églises suburbaines de Paris*. Paris, Fédération des Sociétés Historique et Archéologiques de Paris et de l’île de France, 1960, Volume XI de Mémoires, 1960, p.94.

34 BUSSON, *op.cit.*, p.355.